

O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos


 /tempoargumento

 @tempoargumento

 @tempoargumento


 **Leonardo Gonçalves Ferreira**


Instituto Federal do Amapá
Laranjal do Jari, AP – BRASIL
lattes.cnpq.br/9753500718016402
leoams585@gmail.com

 orcid.org/0000-0001-6843-1841

 **Letícia Julião**

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG – BRASIL
lattes.cnpq.br/5032971867774318
juliao.leticia@gmail.com

 orcid.org/0000-0002-5930-4098

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180316422024e0202>

Recebido: 21/12/2023

Aprovado: 04/09/2024

Editor Responsável:

João Júlio Gomes dos Santos Júnior
Universidade do Estado de Santa Catarina
orcid.org/0000-0003-2627-5558



O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos

Resumo

Este artigo discute o papel decisivo desempenhado pelo artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa (1945-2007) no processo de identificação do poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914) como patrimônio da cidade de Leopoldina, Minas Gerais. É analisada sua atuação como colecionador do poeta e da própria história de Leopoldina, tanto quanto a apropriação que faz da casa onde Augusto dos Anjos residiu naquela cidade, em 1914, ao lhe conferir o sentido de memorial, inaugurando ali “Espaço dos Anjos”, em 1983. O “Espaço dos Anjos” funcionou como um misto de museu, ateliê e escola de arte, encerrando suas atividades em 2007 com a morte de Luiz Raphael. A casa foi reaberta ao público em 2012, sob a gestão da administração municipal, como “Museu Espaço dos Anjos”, exibindo exclusivamente o acervo do poeta paraibano. Neste momento de transição, em que se opera a institucionalização do museu dedicado a Augusto dos Anjos, se observa um processo de apagamento da figura do colecionador Luiz Raphael, fato que é problematizado considerando a hipótese de ser resultado de preconceitos em relação ao artista, seja pela sua *persona* dissidente ou por sua atuação artístico-cultural insurgente.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos; Luiz Raphael Domingues Rosa; Museu Espaço dos Anjos; Leopoldina/MG.

The poet's butler: the process of invisibility of the visual artist Luiz Raphael Domingues Rosa, guardian of the memory of Augusto dos Anjos

Abstract

This article discusses the decisive role played by the artist Luiz Raphael Domingues Rosa (1945-2007) in the process of identifying the poet Augusto dos Anjos (1884-1914) as a heritage site of the city of Leopoldina, Minas Gerais. It analyzes his work as a collector of the poet and of the history of Leopoldina itself, as well as his appropriation of the house where Augusto dos Anjos lived in that city in 1914, by giving it the meaning of a memorial, inaugurating the “Espaço dos Anjos” there in 1983. The “Espaço dos Anjos” functioned as a combination of museum, studio and art school, closing its activities in 2007 with the death of Luiz Raphael. The house was reopened to the public in 2012, under the management of the municipal administration, as the “Espaço dos Anjos Museum”, exclusively exhibiting the collection of the poet from Paraíba. In this moment of transition, in which the institutionalization of the museum dedicated to Augusto dos Anjos is taking place, a process of erasure of the figure of the collector Luiz Raphael can be observed, a fact that is problematized considering the hypothesis that it is the result of prejudices in relation to the artist, whether due to his dissident persona or insurgent artistic-cultural activity.

Keywords: Augusto dos Anjos; Luiz Raphael Domingues Rosa; Espaço dos Anjos Museum; Leopoldina/MG.

Introdução

*Vejo em suas aquarelas velhos sonhos e quimeras
De todos matizes que são cicatrizes na tela
Sua doce inspiração vem de dentro de um arco-íris
O mago das cores, amigo das plantas e flores
É um certo arcanjo que ocupa o Espaço dos Anjos
Criando e ensinando, pintando e bordando
Na íris de seus olhos mora um arco-íris*

(Mago das Cores, 1987)

Composição de Serginho do Rock em homenagem a Luiz Raphael

Em 1983, o artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa (1945-2007) criou em Leopoldina, Minas Gerais, o “Espaço dos Anjos”, na casa em que o poeta Augusto dos Anjos (1884-1914) havia morado na cidade quase setenta anos antes. Além de sediar seu ateliê e sua escola de artes, Luiz Raphael, inspirado pelo significado memorial da casa, passou a reunir, organizar e expor um acervo relacionado à história da cidade, incluindo o legado de Augusto dos Anjos. Em função de sua dedicação àquele espaço, o artista plástico foi identificado como o mordomo do Augusto dos Anjos, e passou ser assim conhecido, como mostra o relato do Entrevistado 4:

[...] [Luiz Raphael] recebeu uma escola e o menino falou pro outro: “esse daí é o mordomo do Augusto?”. Ele achou isso engraçadíssimo. Falar que ele era o mordomo do Augusto dos Anjos. E ele começou a se referir como mordomo do Augusto dos Anjos [...] (Entrevistado 4, 2021)¹.

O “Espaço dos Anjos” funcionou até a morte de Luiz Raphael no dia 14 de agosto de 2007. Após tratativas com a sua família, e demais processos institucionais, o espaço foi reorganizado sob a chancela de um museu, o “Museu Espaço dos Anjos”, que reabriu as suas portas em 2012 sob a direção da Prefeitura Municipal da cidade. Contudo, diferentemente de seu antecessor, o “Museu Espaço dos Anjos” passou a se dedicar exclusivamente à memória do poeta Augusto dos Anjos.

O presente artigo tem o objetivo de analisar o papel que Luiz Raphael desempenhou, a partir dos anos de 1980, como um colecionador da cidade à

¹ Entrevista de pesquisa concedida em 10 de junho de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

frente do “Espaço dos Anjos”, tanto quanto a tentativa, mais tarde, de apagamento de sua memória, no processo que institucionalizou a transição do “Espaço dos Anjos” para “Museu Espaço dos Anjos”. É nesse momento transicional que, não apenas a figura do colecionador é invisibilizada, como também, em função da primazia conferida à identificação da cidade de Leopoldina à memória de Augusto dos Anjos, o acervo reunido por Luiz Raphael é segmentado, sendo uma parte hoje considerada perdida.

A primeira parte do artigo apresenta a trajetória de vida de Luiz Raphael e os motivos que o levaram a criar o “Espaço dos Anjos” em 1983. Em seguida, são descritas as principais características do “Espaço dos Anjos”, compreendendo-o como um centro cultural que incluía um museu da cidade. Por fim, é analisada a tentativa de apagamento da memória de Luiz Raphael, a partir de sua morte em 2007, em meio ao processo de estruturação do “Museu Espaço dos Anjos” que, reinaugurado em 2012, passa a se dedicar exclusivamente à memória do poeta Augusto dos Anjos.

Foi realizada uma pesquisa documental que permitiu, dentre outros aspectos, compreender a trajetória de vida de Augusto dos Anjos, os principais marcos de sua imortalização, a apropriação do poeta pela cidade de Leopoldina e acompanhar o debate em relação à preservação do acervo do poeta. Procedeu-se ainda sete entrevistas semiestruturadas com atores que tiveram relação com os dois equipamentos culturais, o “Espaço dos Anjos” e o “Museu Espaço dos Anjos”. As entrevistas, que duraram cerca de duas horas cada, foram realizadas remotamente e tiveram apenas o áudio gravado. Houve pedido de anonimato de todos, exceto do Promotor de Justiça Sérgio Soares da Silveira. Os outros entrevistados eram representantes dos seguintes núcleos: membros da Prefeitura de Leopoldina, membros da Oscip Felicidade e amigos próximos de Luiz Raphael. Tais depoimentos tornaram possível verificar a inegável importância da trajetória de vida de Luiz Raphael para se compreender o “Museu Espaço dos Anjos” hoje.

Com o presente trabalho, estamos discutindo a fabricação de legados. Inúmeras pesquisas têm se destinado a esse debate, como é o caso de Delgado (2005) que investiga a construção e a gestão da memória produzidas pelo discurso museológico biográfico do museu dedicado à poetisa Cora Coralina na

Cidade de Goiás. De acordo com a autora, a “Casa de Cora Coralina” não apenas constrói a biografia da poetisa em simbiose com a memória da cidade, como também representa o projeto de promover a sua imortalização como mulher-monumento da Cidade de Goiás (Delgado, 2005).

Delgado (2005) avalia que na montagem da exposição museológica da Casa de Cora Coralina, documentos considerados biográficos são escolhidos com o objetivo não apenas de delinear, como também perpetuar a memória da poetisa. “Em contrapartida, outros tantos objetos, imagens e discursos são descartados, ocultados, silenciados, em um trabalho de produção do esquecimento” (Delgado, 2005, p. 106). Algo muito próximo ao que foi observado no “Museu Espaço dos Anjos”, como se verá neste trabalho.

Antes de adentrar propriamente no tema do artigo, convém abrir um parêntese, para se compreender a relação de Augusto dos Anjos com a cidade de Leopoldina. Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no dia 20 de abril de 1884 no Engenho Pau-d'Arco localizado na Vila do Espírito Santo, hoje município de Sapé no Estado da Paraíba. Em 1903, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Formou-se em 1907, retornando em seguida à capital da Paraíba onde foi nomeado como professor interino de Literatura Brasileira no Liceu Paraibano (Barbosa, 1983).

Em 1910, mudou-se com sua esposa, Ester Fialho, para o Rio de Janeiro, onde atuou como professor no Ginásio Nacional, na Escola Normal e no Internato do Colégio Pedro II (Barbosa, 1983). Por influência de seu concunhado Rômulo Pacheco, residente na cidade de Leopoldina, Minas Gerais, foi convidado para assumir o cargo de diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira daquela cidade. Augusto dos Anjos, juntamente com sua família, transferiu-se para Leopoldina, em junho de 1914. Cinco meses depois, o poeta faleceu, com apenas 30 anos de idade, no dia 12 de novembro de 1914, acometido por uma pneumonia dupla (Barbosa, 1983). Augusto dos Anjos, até hoje, encontra-se sepultado no Cemitério Nossa Senhora do Carmo localizado na cidade mineira em que foi morar.

Poeta de caso original na literatura brasileira, Augusto dos Anjos é autor de um único livro publicado de poesias intitulado “Eu”, lançado em 1912, quando ainda residia no Rio de Janeiro. A tendência à morbidez, à volúpia e ao sadismo,

presentes em sua obra, deram notoriedade a Augusto dos Anjos ao mesmo tempo em que conferiram a ele poucos admiradores. Conhecido como o Poeta da Morte, Augusto dos Anjos se mostrava como um sujeito excêntrico, sensível, introspectivo e triste. Ainda na Paraíba, seus primeiros poemas, publicados no Jornal “O Comércio”, renderam-lhe as alcunhas de histérico, neurastênico, desequilibrado e Doutor Tristeza (Barbosa, 1983).

Quando chegou a Leopoldina, Augusto dos Anjos não gozava, portanto, do reconhecimento da crítica ou do público. Isso só viria acontecer anos mais tarde, após sua morte. Mas é preciso admitir que, cedo, Leopoldina se apropriou da figura do poeta, por meio de atos continuados de rememoração. São exemplos, além do “Espaço dos Anjos” e do “Museu Espaço dos Anjos”², a fundação em 1925, do “Grêmio Littero-Artístico Augusto dos Anjos” no Ginásio Leopoldinense; a inauguração de seu túmulo em 1964, ainda hoje visitado; as comemorações de seu nascimento e morte; a realização anual, desde os anos de 1990, da Semana Cultural Augusto dos Anjos e do Concurso Nacional de Poesias Augusto dos Anjos. Todas essas iniciativas celebrativas forjaram, ao longo de mais de um século, a vinculação do poeta à cidade, conferindo-lhe um valor de referência para a identidade local. Precisamente, Augusto dos Anjos torna-se um personagem-monumento (Abreu, 1996) que reitera o epíteto de Atenas Mineira de Leopoldina (Ferreira; Julião, 2023)³.

Nessa construção patrimonial, cabe destacar, as tentativas de tombamento da casa em que Augusto dos Anjos residiu em Leopoldina. A primeira em 1984, a segunda em 1999 e a terceira, a que efetivamente concretizou o tombamento, em 2007. A casa, em estilo chalé, é uma representante da arquitetura eclética do final do século XIX. A edificação, que não apresenta recuo frontal, internamente, tem uma divisão que era comum nas construções da época: sala de visita, corredor para onde dão os quartos, com a cozinha na parte posterior. Os cômodos hoje

² É preciso mencionar, que também em Sapé, na Paraíba, local de nascimento do poeta, foi criado o “Memorial Augusto dos Anjos”, em 2006.

³ Leopoldina, na virada do século XIX para o XX, com a crise da cafeicultura, passa a investir em uma complexa rede de escolas, sendo o Ginásio Leopoldinense a instituição de maior projeção, por onde passaram importantes figuras da elite política e intelectual brasileira. O culto a Augusto dos Anjos coaduna-se com essa imagem que a cidade nutria de si. Ver a respeito: NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. *Leopoldina: instrução, mito político e formação de elites na Zona da Mata Mineira (1895-1930)*. Leopoldina: Edição do Autor, 2011.

são utilizados como espaços expositivos e salas administrativas. Ao fundo, onde atualmente há um anfiteatro, o imóvel conta com uma ampla área aberta, originalmente destinada a jardins, hortas e pomares.

A trajetória de Luiz Raphael

Compreender a trajetória de Luiz Raphael não é uma tarefa fácil. Há poucos registros sobre a vida do artista, dentre os quais uma entrevista que concedeu, em 2003, para a organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) leopoldinense Felicidade e uma ou outra narrativa pontual, relatada por entrevistados pela pesquisa. São entrevistas que inegavelmente fornecem importantes informações, que permitem compreender a vida de Luiz Raphael e o seu empenho na criação do “Espaço dos Anjos”. Mas, sobretudo, são formas de afirmação de visões que os entrevistados têm acerca de si e do mundo. Por isso mesmo, como defende Portelli (2016) referindo-se à história oral, os relatos não são recordações passivas de fatos, mas uma elaboração contínua de significados, em uma performance dada pelo trabalho de memória.

Entende-se, por conseguinte, que a entrevista de Luiz Raphael concedida em 2003, único relato coeso de sua trajetória a partir do qual se faz a apresentação a seguir, constitui uma construção narrativa, ou seja, trata-se muito mais de uma elaboração discursiva do artista sobre si, do que uma fonte de informação, que pôde ser confrontada com outras fontes pela pesquisa.

Luiz Raphael Domingues Rosa relata que nasceu em Leopoldina, Minas Gerais, no dia 27 de fevereiro de 1945. Sua mãe, a leopoldinense Maria de Lourdes Domingues Rosa, era filha do português Raphael Domingues e da fluminense Idalina Gomes. O avô materno de Luiz Raphael era dono de uma olaria. Já o pai de Luiz Raphael, Geraldo Rosa, era natural de Catuné, distrito do município mineiro de Tombos, e foi para Leopoldina, trazido por Jairo Salgado, na década de 1940, para jogar futebol no Clube Ribeiro Junqueira. Quando deixou o esporte, o pai de Luiz Raphael se dedicou à alfaiataria. Os pais de Luiz Raphael se casaram em 1944 e tiveram quatro filhos, sendo, ele próprio, o primogênito.

Um dos seus primeiros contatos significativos com a arte, lembra, foi na década de 1950 com a professora de francês do Ginásio Leopoldinense, dona Regina Monteiro de Castro, que aos domingos dava aulas de pintura. “Na verdade, ela não... Como dizer? Ela não orientava muito não. Era mais uma brincadeira. O que a gente aprendeu mesmo foi nome de tinta, misturar tinta, lidar com pincel, óleos e tal. Bom, mas nunca levamos muito a sério não” (Rosa, 2003).

Em 1964, Luiz Raphael mudou-se para o Rio de Janeiro com o objetivo de cursar faculdade de Arquitetura. Ele não foi aprovado no vestibular, contudo decidiu não retornar para Leopoldina. Continuou morando no Rio de Janeiro onde trabalhou como ilustrador para jornais e revistas. Neste período, Luiz Raphael não teve contato com a pintura. “Morei no Rio durante dez anos que foram ótimos e jamais pensei que eu fosse voltar para cá” (Rosa, 2003).

No ano de 1974, em uma viagem que fazia com amigos pelo nordeste brasileiro, Luiz Raphael sofreu um violento acidente de carro. Muito debilitado, foi obrigado a voltar a morar com a família em Leopoldina.

Quando eu voltei aqui em 74, eu achei que eu fosse enlouquecer porque já não conhecia mais ninguém na cidade. [...]. Quer dizer, não conhecia mais ninguém?! Conhecia, claro. Mas os meus amigos, os chegados tinham ido comigo para o Rio. Então, eu não tinha mais amigos, assim. E fiquei muito mal. E pensei que fosse enlouquecer mesmo. Mas aí eu falei: “não, mas eu não posso enlouquecer, não posso, porque se fosse assim, eu teria morrido no desastre e teria resolvido tudo”, né?! Se eu escapei do desastre é porque alguma coisa, tem que fazer, né?! Aí eu lembrei que antes de eu ir embora, eu pintava essas coisas com a dona Regina. Saí para rua e pinte Leopoldina inteira. Fiz uma exposição na Associação Comercial que deu certo. Rapidinho vendeu o que estava à venda e quem não conseguiu comprar, partiu para encomendar. Pinte muito durante uns sete anos, muito (Rosa, 2003).

Com o sucesso de suas pinturas em Leopoldina, Luiz Raphael decidiu, então, procurar um espaço onde pudesse montar um ateliê. Em uma conversa com amigos, no início da década de 1980, foi informado de que a antiga casa onde residira Augusto dos Anjos estava para ser alugada. “A gente sempre aqui sabia que aquela casa tinha morado o Augusto dos Anjos e tal. Então, é a casa, né?! Para montar um ateliê, é a casa. Já tinha morado um artista lá. É a casa!” (Rosa, 2003).

De acordo com Assmann (2011), a expressão “memória dos locais” pode se referir tanto a uma memória que se recorda dos locais, quanto a uma memória que por si só está situada nos locais, e que “[...] aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos” (Assmann, 2011, p. 317). A casa em que residiu Augusto dos Anjos em Leopoldina pode ser considerada um sujeito portador de recordação e de uma memória imanente. Sua força simbólica no imaginário leopoldinense conferia, conseqüentemente, densidade de sentidos ao projeto artístico de Luiz Raphael.

A escolha de Luiz Raphael não pode ser considerada, portanto, uma mera casualidade. Afinal, “um local – está claro – só conserva lembranças quando as pessoas se preocupam em mantê-las” (Assmann, 2011, p. 347). O local da recordação, portanto, se estabiliza por meio da história que se conta sobre ele, ao mesmo tempo em que, de sua parte, o local não apenas sustém, como também confere veracidade à narrativa (Assmann, 2011).

Luiz Raphael havia lido “Eu”, a obra de Augusto dos Anjos, quando ainda era adolescente. Sua mãe lhe deu o livro quando ele tinha apenas quinze anos de idade, no início dos anos de 1960. Portanto, quase cinquenta anos após a morte do poeta. Esse é um dado interessante, pois indicativo de que os leopoldinenses, ainda que nem todos, tinham conhecimento do poeta e de sua obra. No caso de Luiz Raphael, contudo, sua ligação com Augusto dos Anjos ia além da poesia, como descreve em seu depoimento:

Mas a minha ligação com o Augusto não é nem pela poesia não. Minha ligação com o Augusto é porque a Glória, filha do Augusto, era muito amiga da minha tia Aline, minha tia-avó. De vez em quando, a Glória vinha a Leopoldina para visitar minha tia. E minha mãe vestia a mim e a meu irmão de marinheiro, [...], para visitar a Glorinha dos Anjos, filha do Augusto dos Anjos na casa da tia Aline. Eu particularmente achava muito interessante conhecer a filha do poeta, sabe? A gente achava, né, que poeta era uma outra coisa, né, quase uma entidade, né?! E a minha avó também, todos Finados, recomendava que não se deixasse de ir ao túmulo do dr. Augusto dos Anjos. Então, minha ligação com o Augusto, não é nem uma ligação literária. É uma ligação mais afetiva, de amizade, de família, uma coisa assim. Depois é que... depois do Espaço é que eu comecei a entrar mais em contato com a obra dele. [...]. Mas a minha ligação com ele mesmo, primeira, é uma ligação assim de amizade. E jamais pensei na vida, nem de voltar para Leopoldina e nem de assumir e

ser guardião da memória de um dos maiores poetas da língua portuguesa (Rosa, 2003).

A relação de amizade entre a família de Augusto dos Anjos e a de Luiz Raphael evidencia, de alguma maneira, o vínculo entre os descendentes de Augusto dos Anjos e Leopoldina. A recomendação da avó de Luiz Raphael para que não deixassem de visitar, nos Finados, o túmulo de Augusto dos Anjos no cemitério de Leopoldina, demonstra o apreço daquela família, e provavelmente de parte dos leopoldinenses, pelo poeta. Além disso, as lembranças de infância se misturam com o fascínio por Augusto dos Anjos, considerado quase uma entidade. Fascínio esse que provavelmente era endossado pelos adultos. Em outras palavras, Leopoldina, ou pelo menos uma parte dos leopoldinenses, realmente já havia se apropriado de Augusto dos Anjos há um significativo tempo. Ainda que a criação do museu, o tombamento da casa onde vivera e outras iniciativas celebrativas tenham ocorrido em período posterior ao relatado por Luiz Raphael, é provável que o Grêmio Lítero-Artístico Augusto dos Anjos, dentre outras iniciativas, tenha se encarregado, desde sua fundação nos anos de 1920, em criar uma afinidade dos estudantes do Ginásio Leopoldinense com a obra do poeta.

A intenção inicial de Luiz Raphael era instalar seu ateliê, oferecer um curso de desenho e pintura e pagar o aluguel da casa com as mensalidades das aulas que algumas pessoas já vinham lhe pedindo. Resolvidos os trâmites burocráticos do aluguel, ao visitar a casa, ainda vazia, Luiz Raphael vislumbrou a ideia do museu:

E quando eu cheguei na casa, a casa vazia, me pareceu grande para um cavalete só e tive a ideia: já que estou na casa do Augusto dos Anjos e tal, por quê que eu não monto um pequeno museu? [...] como eu sabia que tinha pouca coisa do Augusto, eu batizei a casa de “Espaço dos Anjos” para que além do Augusto, coubessem outros anjos, ou seja, a história da cidade. Isso já são passados vinte anos e estou lá, mantendo essa história (Rosa, 2003).

Obviamente o fato de a casa ter servido de residência para Augusto dos Anjos havia praticamente setenta anos foi crucial para essa decisão. Além disso, a escolha do nome, em uma alusão ao poeta e também aos anjos, ou seja, à história da cidade, conferiu prontamente uma vocação à casa. O “Espaço dos Anjos” nasceu, assim, como um centro cultural e museu sobre a história de Leopoldina, compreendendo o personagem Augusto dos Anjos.

A intenção de contemplar um museu da cidade está explícita na cópia de um texto datilografado, assinado por Luiz Raphael, e datado de 21 de abril de 1983, produzido por ocasião da inauguração:

O “Espaço dos Anjos” é, antes de tudo, uma declaração de amor à Leopoldina e de respeito à memória dos seus fundadores; àqueles que trabalharam suas terras contribuindo para seu crescimento. Desde que os primeiros tropeiros por aqui pararam à beira do córrego, gerações se sucederam e com eles, paixões e rixas, festas e enterros, grandes nomes e pessoas simples que, de uma forma ou de outra deixaram suas marcas pelo vale entre as montanhas. O “Espaço dos Anjos” tem por proposta reunir esta memória resguardando-a às gerações futuras (Rosa, 1983)⁴.

Concebido como um centro cultural, o “Espaço dos Anjos” previa também apresentações de música e teatro, além de funcionar como galeria de arte, sempre vinculado à ideia de celebrar Leopoldina, o que foi reiterado em relação à formação de uma biblioteca dedicada à cidade.

O “Espaço dos Anjos” que recebeu este nome em homenagem ao poeta Augusto dos Anjos, instalado que está na casa onde ele viveu e morreu, será também aberto a exposições de arte, apresentações de conjuntos musicais e peças teatrais de artistas locais e da região. Com isto, pretendemos valorizar nossa cultura, seja com retrospectivas de artistas consagrados, seja dando oportunidades aos novos de mostrar o seu trabalho. A biblioteca será exclusivamente, formada por livros que contenham informações sobre a cidade e por títulos de autores leopoldinenses (Rosa, 1983)⁵.

Quanto à formação do acervo do museu, o texto produzido por ocasião da inauguração convocava a comunidade a fazer doações: “Aqui, faremos um apelo: quem dentre os senhores tiver alguma peça, foto ou documento que possa nos ceder, que o faça, para que assim toda a cidade tome maior contato com sua História” (Rosa, 1983)⁶. Essa convocação feita na ocasião da inauguração do Espaço parece ter sido crucial para a constituição do acervo.

Dezessete anos mais tarde, relata Luiz Raphael: “Além de peças, fotos, documentos e livros sobre Augusto dos Anjos, tenho o mesmo acervo que conta

⁴ Texto de inauguração do “Espaço dos Anjos” escrito por Luiz Raphael Domingues Rosa e datado em 21 de abril de 1983. Minas Gerais, 2008.

⁵ Texto de inauguração do “Espaço dos Anjos” escrito por Luiz Raphael Domingues Rosa e datado em 21 de abril de 1983. Minas Gerais, 2008.

⁶ Texto de inauguração do “Espaço dos Anjos” escrito por Luiz Raphael Domingues Rosa e datado em 21 de abril de 1983. Minas Gerais, 2008.

a história da cidade. Todas as peças são doações, com restrições a uma ou duas, em regime de comodato” (Rosa, 2000)⁷. Três depoimentos, oriundos das entrevistas semiestruturadas e reproduzidos abaixo, confirmam a maneira como Luiz Raphael foi constituindo o acervo do “Espaço dos Anjos”:

As pessoas doavam gramofones, vitrolas antigas, livros antigos, fotografias antigas de famílias da cidade, discos... tinha muitos discos de vinil antigos lá... tinha os quadros dele também, na parede, e tinha alguma coisa do Augusto dos Anjos que os filhos chegaram a doar, [...] tinha documentos... (Entrevistado 2, 2021)⁸.

Ali ele foi expondo coisas que tinha a ver com a arte de Leopoldina. Por exemplo, todo mundo questiona: “onde está o teto da capela do Colégio Imaculada?”. Aí tinha um pedaço do teto lá que foi... que foi Funchal Garcia que fez (Entrevistado 4, 2021)⁹.

[...] ele também foi juntando nesse mesmo espaço, um material... tinha coisas de música, ele tinha muitos vinis, ele tinha uma coleção enorme de vinis... ele tinha livros dele que ele fez uma pequena biblioteca lá no Espaço, livros do Augusto, que as pessoas doavam... o manuscrito, ele tinha lá... ele tinha também coisas autografadas, [...]. Então ali era como um museu, o museu da cidade (Entrevistado 5, 2021)¹⁰.

Os depoimentos indicam que a comunidade de Leopoldina, ou pelo menos parte dela, abraçou o projeto de Luiz Raphael, em nome da memória local, conferindo ao “Espaço dos Anjos” o estatuto “de referência histórica [...], um local onde as pessoas tinham como referência de identidade [...]” (Entrevistado 2, 2021)¹¹. Também, como se verá nos depoimentos seguintes, era o espaço de fruição artística, de cursos de pintura, de exposições temporárias, de festas e de organização do bloco de carnaval “Anjos Travessos” de Leopoldina.

[...] não era só um ateliê, ele dava cursos, ele pintava, ele reunia esse material que eu te falei, histórico... ele fazia alguns eventos, ele fazia palestras [...] ele fazia evento de música, eventos temáticos, dependendo da época do ano [...] ele fazia as exposições dele, então era um espaço multiuso [...] (Entrevistado 2, 2021)¹².

Além das aulas, ele fazia as exposições das pinturas dos alunos, ele pintava muito os casarinhos de Leopoldina... ele fazia essas

⁷ Texto de agradecimento pela “Medalha do Mérito Leopoldinense” escrito por Luiz Raphael Domingues Rosa e datado em 09 de novembro de 2000. Minas Gerais, 2008.

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 20 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 10 de junho de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de junho de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

¹¹ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

¹² Entrevista de pesquisa concedida em 20 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

exposições temáticas ali, né?! [...]. Teve eventos naquele auditório lá embaixo, que ele fazia... [...]. Eu já participei ali, no início, do carnaval daquele bloco que ele criou dos Anjos... O Bloco dos Anjos do carnaval... [...]. Então a gente saía naquele bloco dele, que tinha carnaval de rua, né?! E ele era carnavalesco animadíssimo, se vestia de fantasias... eu me lembro dessa iniciativa dele do carnaval... Tinha eventos musicais, poesia... Ele trabalhava em várias áreas ali (Entrevistado 1, 2021)¹³.

Como se verá nas imagens a seguir, o “Espaço dos Anjos” abrigava uma exposição permanente, dedicada à história da cidade de Leopoldina, Minas Gerais, o que incluía o legado do poeta Augusto dos Anjos (Imagem 1 e 2). Além disso, a instituição também promovia exposições temporárias sobre temáticas diversas (Imagem 3).

Imagem 1
Fachada do “Espaço dos Anjos”



Fonte: Acervo particular. Década de 1990.

¹³ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

Imagem 2
Exposição permanente do
“Espaço dos Anjos”



Fonte: Acervo particular. Década de 1990.

Imagem 3
Exposição temporária
“Amor de Maio” no “Espaço dos Anjos”



Fonte: Acervo particular. Década de 1990.

É possível perceber que a manutenção do espaço e de seu projeto cultural demandava um esforço de Luiz Raphael, em uma dedicação solitária e, por vezes, desmesurada.

[...] ele [Luiz Raphael] manteve aquele espaço por 22 anos, né?! Com recurso próprio dando aula de pintura, mas além de dar aula de pintura ele sempre criava alguma coisa. Ele fazia festas temáticas, e aí as festas eram lindas... e aí ele criava bloco de carnaval... ele tava sempre angariando dinheiro para manter aquele recurso ali (Entrevistado 4, 2021)¹⁴.

Então, era praticamente a casa dele. Ele não dormia lá não, mas ele passava as horas do dia todas ali. Ele fechava ali... abria muito cedo, porque ele mesmo limpava, ele cuidava da casa, ele limpava o jardim... ele ficava ali o dia todo, 24 horas. (Entrevistado 5, 2021)¹⁵.

¹⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 10 de junho de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

¹⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de junho de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

Em 2000, Luiz Raphael, em discurso de agradecimento pela “Medalha do Mérito Leopoldinense” que recebeu da Prefeitura de Leopoldina, narra a trajetória do “Espaço dos Anjos” e aproveita o momento para dar visibilidade às dificuldades pelas quais passava naquele momento.

Nestes dezessete anos tenho tido um trabalho quase hercúleo. Eu com este físico que mal se vê; para conseguir manter, com aulas de desenho e pintura, este sonho de ter nossa história preservada, tenho enfrentado um desafio, cada vez maior. Sinceramente, não sei até quando poderei arcar com todas as despesas. Não estou reclamando de estar a me doar para a cidade, mas pedindo socorro. A construção [a casa onde funcionava o “Espaço dos Anjos”], que data do início do século, está em condições cada vez mais precárias, precisando urgentemente de reparos (Rosa, 2000)¹⁶.

O curador relata seu exaustivo trabalho para manter não apenas o “Espaço dos Anjos”, cuja sede necessitava de restauração urgente, mas também a preservação da história da cidade. Confessa, com sinais claros de cansaço, a incerteza em continuar e pede ajuda. Em 2003, ainda de acordo com a entrevista realizada pela OSCIP, a situação do “Espaço dos Anjos” tornou-se ainda mais delicada, conforme o próprio relata:

O momento mais difícil é o que estou passando agora. Agora a coisa, o momento se complicou muito. Porque até então, eu conseguia manter o Espaço com as aulas de desenho e pintura. Acontece que, de uns tempos para cá, eu tenho dois concorrentes grandes que é o inglês e a informática. [...] Então, a grande dificuldade, o pior momento está sendo agora porque é muito caro manter aquela casa. Aquela casa, como toda casa, requer cuidados, né?! E também esse ano, eu, até o ano passado, eu dava aula no Estado. Era designado do Estado. Esse ano, eu perdi as aulas, então, está muito complicado (Rosa, 2003).

Diante de tantas adversidades, ele reafirma a relevância de sua iniciativa, destacando a projeção alcançada por Leopoldina, por meio da figura de Augusto dos Anjos, celebrada pelo “Espaço dos Anjos”.

Consegui colocar Leopoldina nos mais importantes jornais, nas redes de televisão e na Internet. Estudiosos de uma ponta a outra do Brasil vêm pesquisar a obra deste poeta único na língua portuguesa e, emocionados, percorrem a casa que lhe acolheu os últimos gemidos de arte. Mas tudo isso pode acabar, se as

¹⁶ Texto de agradecimento pela “Medalha do Mérito Leopoldinense” escrito por Luiz Raphael Domingues Rosa e datado em 09 de novembro de 2000. Minas Gerais, 2008.

O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos

Leonardo Gonçalves Ferreira, Leticia Julião

autoridades municipais, os empresários e a sociedade não se mobilizarem, no sentido de tomarem providências urgentes para sua preservação (Rosa, 2000)¹⁷.

Meses antes da morte de Luiz Raphael, em 08 de maio de 2007, a OSCIP leopoldinense Felicidade enviou um documento ao Promotor de Justiça Sérgio Soares da Silveira solicitando providências investigativas com relação a uma série de omissões e descumprimentos referentes a atribuições do poder executivo municipal, dentre as quais estava o “Espaço dos Anjos”. De acordo com esse documento: “o decreto de tombamento da casa onde residiu o poeta Augusto dos Anjos, de 1984, contém erro material (nome errado da proprietária do imóvel), não foi registrado no “Livro do Tombo” (este está em lugar incerto e não sabido), nem no registro do imóvel no CRI” (Minas Gerais, 2008).

Esse parece ter sido o pontapé inicial para que o Ministério Público interviesse nas questões regulatórias referentes ao “Espaço dos Anjos”. Assim, no dia 05 de junho de 2007, o Ministério Público de Minas Gerais instaurou um Procedimento Administrativo para averiguar a situação do “Espaço dos Anjos” e a Proteção do Patrimônio Histórico e Cultural envolvendo o poeta Augusto dos Anjos frente à representação formulada pela OSCIP Felicidade e pela documentação encaminhada à Promotoria por Luiz Raphael (Minas Gerais, 2008).

Ao que tudo indica, Luiz Raphael procurou a Promotoria independentemente da OSCIP Felicidade. Dentre os documentos entregues por ele, constam: o registro do imóvel datado de 05 de março de 1999; matérias e reportagens jornalísticas sobre o “Espaço dos Anjos”; documento de tombamento do imóvel datado de 13 de abril de 1984; portaria número 012/99 que designa comissão para identificação e localização de imóveis, visando o tombamento arquitetônico datado de 22 de fevereiro de 1999 (Minas Gerais, 2008). Há também uma carta escrita em punho, por Luiz Raphael, que enumera os documentos apresentados e descreve a situação do “Espaço dos Anjos” naquele momento.

No ano passado, consegui a aprovação de um projeto pela Secretaria de Cultura de Minas, mas tão somente para a realização de eventos, sem poder ser estendido às obras de manutenção ou aluguel do imóvel. A situação está deveras difícil, usando uma

¹⁷ Texto de agradecimento pela “Medalha do Mérito Leopoldinense” escrito por Luiz Raphael Domingues Rosa e datado em 09 de novembro de 2000. Minas Gerais, 2008.

O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos

Leonardo Gonçalves Ferreira, Leticia Julião

palavra já fora de moda, periclitante. Será uma pena se a cidade vier a perder este espaço. A Faculdade Doctum elaborou um plano diretor para a cidade e nele incluiu o “Espaço dos Anjos”. Soube mesmo que o tema tem sido debatido em sala de aula. Depois de estudar os documentos, se o senhor puder de uma maneira ou de outra, ajudar-nos, seremos muito gratos (Rosa, [20--])¹⁸.

No dia 27 de junho de 2007, o Promotor de Justiça Sérgio Soares da Silveira enviou um ofício para o Prefeito de Leopoldina requisitando que a Prefeitura enviasse à Promotoria informações referentes à regularização do tombamento do imóvel localizado na Rua Barão de Cotegipe, 386 (“Espaço dos Anjos”). No mesmo dia, o Promotor também enviou uma notificação para Luiz Raphael para comparecer naquela Promotoria de Justiça no dia 12 de julho de 2007 “a fim de ser ouvido nos autos do Procedimento Administrativo número 01/07, alusivo ao Espaço dos Anjos, em trâmite nesta Promotoria” (Minas Gerais, 2008). No Termo de Oitiva, que apresenta o depoimento de Luiz Raphael à Promotoria de Justiça, encontramos as seguintes informações:

Inquirido afirmou: que há cerca de vinte e cinco anos é responsável, em Leopoldina, pela preservação do acervo de Augusto dos Anjos; que utiliza a casa onde residiu Augusto dos Anjos, situada na Rua Cotegipe, número 386, como ateliê e museu; que paga aluguel mensal ao atual proprietário da casa, mas está passando por dificuldades financeiras e está com o aluguel atrasado em três meses (Rosa, 2007)¹⁹.

Como é possível observar, o artista se coloca como guardião da memória de Augusto dos Anjos, um colecionador que fazia a mediação entre os registros materiais que coletava do poeta e a cidade²⁰. Ele enfatiza, em seu depoimento, o acervo e a casa de Augusto dos Anjos, e a extensão de anos há que vinha gerindo esse legado. Não menciona sua escola de arte, apenas o ateliê e o museu. E como em outras ocasiões, refere-se às dificuldades financeiras que o acompanhavam há significativo tempo. Segue o depoimento:

[Inquirido afirmou:] que [o pai do proprietário] disse ao depoente que pretende retirá-lo da casa para abrir uma loja no local; que teme pela situação, pois a prefeitura, ao tomar o imóvel em 1984 cometeu um erro [com relação ao nome do proprietário]; que não

¹⁸ Luiz Raphael Domingues Rosa, sem data. Minas Gerais, 2008.

¹⁹ Depoimento de Luiz Raphael à Promotoria de Justiça em 12 de julho de 2007. Minas Gerais, 2008

²⁰ A respeito da ideia de guardião ou mediador de memória ver: GOMES, Â. C. A guardiã da memória. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

sabe informar se o tombamento foi registrado no livro próprio na prefeitura; que tomou conhecimento que o livro tombo estaria extraviado (Rosa, 2007)²¹.

A pressão que Luiz Raphael sofria por parte dos proprietários do imóvel, provavelmente era uma represália pelos atrasos no pagamento do aluguel; uma tentativa para retirá-lo da casa para dar uma destinação mais rentável a mesma. A isso se somava o erro da Prefeitura no tombamento do imóvel em 1984, o que poderia abrir brechas, até mesmo, para uma possível demolição da casa, uma vez que ela se encontra no centro da cidade, região mais afetada pelo crescente processo de substituição arquitetônica. Ainda segundo o depoimento:

[Inquirido afirmou:] que possui na casa um bom acervo de bens pessoais de Augusto dos Anjos, bem como relacionados à cidade de Leopoldina; que recentemente procurou a prefeitura e conversou com o secretário do prefeito [...] que informou ao depoente que a situação seria resolvida em no máximo uma semana e que procuraria o depoente, prazo ainda não expirado; que tentou criar um instituto relacionado a Augusto dos Anjos, mas não conseguiu levar a ideia adiante; que caso a prefeitura desaproprie o terreno, como informado pelo [secretário] entende que seria possível a criação de uma fundação (Rosa, 2007)²².

Fica claro o esforço de Rosa para resolver a situação do “Espaço dos Anjos”, seja em suas tentativas de negociação com a Prefeitura da cidade, seja por meio de buscas de alternativas institucionais, como a ideia de criação de uma fundação. Ao mesmo tempo, por meio dos depoimentos colhidos pela pesquisa nas entrevistas semiestruturadas, observa-se que ele parecia demarcar limites para possíveis auxílios externos. Isso demonstra o caráter de posse que marcou a relação entre o artista/coleccionador e o espaço/coleção, como será explorado mais adiante.

[Luiz Raphael] reclamava que a prefeitura não ajudava. Mas havia um conflito: a prefeitura reclamava também que era muito difícil lidar com ele, porque pra prefeitura ajudar, teria que tornar algo mais público, mas era privado dele, entendeu?! Então assim, ele não queria abrir mão do espaço privado dele, dele ter o total domínio sobre aquilo, mas ele queria o dinheiro do público, entendeu? E aí a prefeitura tinha dificuldade também de fazer... (Entrevistado 2, 2021)²³.

²¹ Depoimento de Luiz Raphael à Promotoria de Justiça em 12 de julho de 2007. Minas Gerais, 2008

²² Depoimento de Luiz Raphael à Promotoria de Justiça em 12 de julho de 2007. Minas Gerais, 2008

²³ Entrevista de pesquisa concedida em 20 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

O Raphael era muito amigo nosso, mas eu entendi que ele ficou incomodado com essa... com essa intromissão, vamos dizer assim, [nossa] pedindo que o Ministério Público participasse da coisa. Porque assim, aí o povo começou a chamar ele, começou a tentar entrar lá de alguma forma, entendeu?! Pra que aquele espaço virasse oficial. Então isso criou um certo incômodo no Raphael por ciúmes, vamos dizer assim. Porque, realmente, depois de 20 e tantos anos cuidando de uma coisa, você não quer entregar isso pra alguém assim, né?! Só que aquilo ali realmente tinha muito mais a ver com o público do que com o privado (Entrevistado 2, 2021)²⁴.

Outros depoimentos confirmam a atitude contraditória de Luiz Raphael, que solicitava ajuda e ao mesmo tempo manifestava desconfiança quando era procurado. Um depoente relata que “[...] ele ficou meio ressabiado achando que a gente estava querendo tomar a casa ou assumir... sei lá. Ele não foi muito aberto não com a nossa proposta de fazer algum projeto para ajudar, ter verba” (Entrevistado 1, 2021)²⁵. Com outro depoente que o procurou com a intenção de elaborar um projeto de captação de recursos, em editais de cultura, que pudessem financiar a montagem do “Espaço dos Anjos” ou mesmo realizar a compra da casa, Luiz Raphael também teve uma atitude resistente: “[...] ficou meio ressabiado. Eu senti que ele achou que ia perder o controle, entendeu?! Então assim, ele não veio junto não” (Entrevistado 2, 2021)²⁶. Enfim, o procedimento ambivalente de Luiz Raphael é resumido pelo seguinte depoimento:

O Raphael era meio que o cuidador, né?! Daquele acervo, da casa... ele fazia aquilo com muito carinho, com muita dedicação, e ele já tava meio assim, cansado e inseguro da falta de apoio do poder público, pra implementar as medidas que eram necessárias e tudo. Então, ele ficava meio... como que eu posso te dizer? Assim... eu percebi que ele tinha um pouco de receio... ele pedia ajuda, mas também ficava com o pé atrás, porque ele tinha medo de meio que perder aquilo tudo e o controle, né?! (Silveira, 2021)²⁷.

Uma possível explicação para essa relação de Luiz Raphael com o “Espaço dos Anjos” e, conseqüentemente, com sua coleção pode ser encontrada em Pomian:

²⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 20 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

²⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

²⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 20 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

²⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 20 de julho de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos

Leonardo Gonçalves Ferreira, Leticia Julião

[...] certas peças de coleção são fonte de prazer estético; que outras – e por vezes são as mesmas – permitem adquirir conhecimentos históricos ou científicos. Enfim, observa-se que o facto de as possuir confere prestígio, enquanto testemunham o gosto de quem as adquiriu, ou as suas profundas curiosidades intelectuais, ou ainda a sua riqueza ou generosidade, ou todas estas qualidades conjuntamente (Pomian, 1984, p. 54).

Além de prestígio, coleções podem ser analisadas como determinantes na autodefinição de um colecionador. Essa é a perspectiva da autora Belk:

Nossa autodefinição é muitas vezes altamente dependente de nossas posses (Belk 1987b). A coleção está especialmente implicada no eu ampliado porque é muitas vezes visível e representa inegavelmente os julgamentos e gostos do colecionador (Stewart 1984). Além disso, o tempo e o esforço despendidos na montagem de uma coleção significam que o colecionador colocou literalmente uma parte de si mesmo na coleção (Belk, 2003, p. 321, tradução nossa)²⁸.

Belk (2003) postula ainda que, para o colecionador, o reconhecimento externo de sua coleção não apenas legitima sua atividade, como também dá a ele um senso de nobre propósito em supostamente gerar conhecimento e fornecê-lo a quem se interessa. Além disso, como se verá adiante, enquanto uma extensão do colecionador, a coleção, ao se perder, pode significar uma experiência de diminuição de si mesmo (Belk, 2003).

O artista colecionador esquecido

Luiz Raphael faleceu repentinamente, no dia 14 de agosto de 2007, aos sessenta e dois anos de idade. Imediatamente, a sua família fechou o “Espaço dos Anjos”, recolheu tudo o que havia na casa e devolveu o imóvel para seus proprietários. A partir de então, a coleção reunida por ele iniciou um percurso errático, implicando no apagamento da própria memória do artista-colecionador. O fato reitera a observação de Benjamin, de que “[...] o fenômeno do colecionar perde seu sentido à medida que perde seu agente” (Benjamin, 1989, p. 234). Ainda sobre isso, Pomian (1984) afirma que não é raro que coleções particulares se dispersem depois da morte daqueles que as constituíram.

²⁸ Our self-definition is often highly dependent upon our possessions (Belk 1987b). The collection is especially implicated in the extended self because it is often visible and undeniably represents the collector’s judgements and taste (Stewart 1984). In addition, the time and effort spent in assembling a collection means that the collector has literally put a part of self into the collection.

A diligência do Ministério Público prosseguiu depois da morte de Luiz Raphael, sendo o Procedimento Administrativo transformado em Inquérito Civil. Resultou dessa iniciativa o recolhimento oficial e imediato do acervo referente a Augusto dos Anjos, que se encontrava com a família, que passou a ser custodiado pela Promotoria de Justiça; a desapropriação e a emissão da posse do imóvel por parte do município; o tombamento municipal da casa; e a restauração e abertura do “Museu Espaço dos Anjos”, em 2012, sob a administração da Prefeitura (Silveira, 2021).

O “Espaço dos Anjos” recebeu o termo de “Museu”, contudo, se tornou exclusivamente dedicado a Augusto dos Anjos. Selava-se, assim, definitivamente a imagem da cidade à do poeta. O vínculo da casa ao acervo exclusivo de Augusto dos Anjos foi sendo construído ao longo da existência do “Espaço dos Anjos”. Isso fica evidente em documento do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), elaborado em 1989, para justificar a necessidade de uma urgente proteção institucional do “Espaço dos Anjos” por meio de incentivos do poder público (Informe Histórico/IEPHA-MG, agosto de 1989. Minas Gerais, 2008). Augusto dos Anjos figura com mais ênfase no documento para se justificar tais medidas protetivas, como se vê no trecho que segue:

Hoje, o prédio onde residiu e veio a falecer Augusto dos Anjos, além de funcionar como centro cultural de Leopoldina, abriga uma instituição de evidente projeção estadual e mesmo nacional, o “Museu Espaço dos Anjos”, cujo acervo principal reúne documentos e objetos relacionados à vida e obra do poeta (Minas Gerais, 2008).

Portanto, a legitimidade institucional do “Espaço dos Anjos” estaria diretamente vinculada ao poeta Augusto dos Anjos, cujo reconhecimento literário justificava a preservação do imóvel e de seu acervo pessoal. Com essa mesma concepção, após a morte de Luiz Raphael, já nos anos 2000, o Ministério Público providenciou a proteção apenas do acervo relacionado ao poeta, não intervindo no acervo referente à história da cidade. A escolha do Ministério Público foi assim justificada:

[...] eu cataloguei os bens do Augusto, por quê? Porque, nos bens do Augusto havia esse receio de que alguém viesse questionar, querer levar esses bens... descendentes de Augusto dos Anjos, alguma coisa nesse sentido. [...] pelos encaminhamentos que vinham sendo feitos,

O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos

Leonardo Gonçalves Ferreira, Leticia Julião

na época eu foquei na questão do Augusto dos Anjos e o restante da documentação eu deixei a cargo da família e da Secretaria Municipal de Cultura para verificar. Porque ali a gente não tinha receio nenhum de perder ou de alguém questionar, ou de alguém pedir aquilo, e vir alguma decisão judicial de repente, do nada, determinando uma apreensão, um arrolamento daqueles bens de valor histórico imensurável, né?! Então quanto a esses documentos de Leopoldina não havia isso, e o foco foi realmente na questão do Augusto dos Anjos (Silveira, 2021).

Ironicamente, parte do acervo, aquele referente à história da cidade, de fato, se perdeu. E isto é muito significativo. De toda maneira, esse é um tema sensível porque nele há silêncios, omissões e segredos. Teria feito alguma diferença se esse acervo tivesse sido entregue à Prefeitura? Por que não foi?²⁹ Ao se perder intencional e permanentemente os vestígios, reunidos por Luiz Raphael, referentes à história de Leopoldina, apagava-se a memória de seu colecionador. Cumpria-se, dessa maneira, a sentença benjaminiana “[...] para o colecionador [...] a posse [é] a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas” (Benjamin, 1989, p. 235). À exceção do anfiteatro do museu que recebeu o nome de Luiz Raphael Domingues Rosa, o artista-colecionador tornou-se ausente no novo museu.

Importante associar essa tentativa de apagamento à *persona* de Luiz Raphael. Ele era um *outsider*: artista homossexual, sem estabilidade profissional e financeira. “Perder” parte de sua coleção pode ter sido uma estratégia que significativamente protegeu a sua intimidade, no contexto da cidade de Leopoldina. O “Espaço dos Anjos” e seu acervo não apenas remeteriam aos modos de vida pouco convencionais, como também perpetuariam a memória de uma existência que questionava padrões socialmente estabelecidos, como fica claro no depoimento a seguir:

[...] já ouvi falar sobre a questão de preconceitos variados em relação ao Luiz Raphael, de pais da elite não permitirem que seus filhos frequentassem ali as aulas de artes e tudo mais, pelo fato de, aparentemente, [...] de ele ser homossexual. Então, em uma cidade pequena, absolutamente tradicionalista, conservadora, e que nós temos majoritariamente uma população católica ali, essas coisas são muito fortes (Entrevistado 3, 2021)³⁰.

²⁹ Um membro da família de Luiz Raphael foi contatado para conceder uma entrevista, mas preferiu não participar.

³⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 8 de junho de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

O depoimento de Luiz Raphael à OSCIP Felicidade reitera a percepção das dificuldades enfrentadas por ele em uma cidade do interior de Minas Gerais. A referência que ele faz à cidade fechada e sem horizontes em função de suas montanhas talvez possa ser interpretada como uma metáfora de um possível sentimento de “aprisionamento”.

[Leopoldina] é um lugar muito difícil de se viver porque é um lugar fechado com montanhas, a gente não tem um horizonte. Para a gente conseguir ver o horizonte, a gente tem que subir no morro do Cruzeiro, né?! Nem sempre a gente pode fazer isso. É um lugar, assim, um tanto complicado para viver, né?! (Rosa, 2003).

Podemos dizer que a relação de Leopoldina com Luiz Raphael era permeada de nuances, contradições e ambiguidades. Para alguns grupos, ele realmente era visto como um dissoluto, em função de seu comportamento dissidente, o que inevitavelmente levava a uma série de comentários e atitudes, por vezes, avessas. Ao mesmo tempo, o artista também era bastante admirado, não apenas por sua atuação enquanto guardião da memória da cidade e de Augusto dos Anjos, como também por seu vasto conhecimento e por sua arte, sempre requisitada na cidade. Da mesma maneira, o “Espaço dos Anjos” se convertia, também, em um lugar ambíguo. Se era o único museu de Leopoldina, era também o mundo particular de Luiz Raphael. Era ali que ele tinha a privacidade para viver o seu universo pessoal, abrindo seus horizontes no contexto da cidade. Depoimentos ajudam a vislumbrar como era este lugar íntimo para o curador.

[...] tinha um grupo fixo de pessoas que frequentavam a casa, amigos... [...] ele tinha um grupo de pessoas da cultura, das artes, que participava junto com ele ali. Muitas vezes eram festas até, vamos dizer assim, fechadas. Não eram nem abertas ao público. Era como se fosse a casa dele (Entrevistado 1, 2021)³¹.

[...] [Luiz Raphael] também tinha aquele espaço como um espaço privado dele. Como ele morava com a família, [...] ele precisava de um espaço só dele pra ter a privacidade dele. Então, eu sei que ali iam amigos pra... só beber, fumar alguma coisa... essas coisas, entendeu?! Então tinha esse lado também de privacidade [...] Raphael era solteiro, tinha os casinhos dele... assim, tinha uma orientação sexual homossexual, né?! Então ele tinha os casinhos dele. Inclusive, o Espaço dos Anjos era um lugar também pra esse tipo de privacidade, né?! Para as questões particulares dele, que envolviam [...] beber um vinho, envolviam alguma coisa sexual, entendeu?! [...] Representava também um lugar onde ele podia

³¹ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

externar toda a individualidade dele, coisa que ele não poderia fazer na casa [...] que ele morava [...] (Entrevistado 2, 2021)³².

O “Espaço dos Anjos” materializava a indissociabilidade entre a vida de Luiz Raphael e a sua coleção. Mais que isso, era o lugar do sonho de estar em um mundo melhor:

O interior da residência é o refúgio da arte. O colecionador é o verdadeiro habitante desse interior. Assume o papel de transfigurador das coisas. Recai-lhe a tarefa de Sísifo de, pela sua posse, retirar das coisas o seu caráter de mercadorias. No lugar do valor de uso, empresta-lhe tão somente um valor afetivo. O colecionador sonha não só estar num mundo longínquo ou pretérito, mas também num mundo melhor, em que os homens estejam tão despojados daquilo que necessitam quanto no cotidiano, estando as coisas, contudo, liberadas da obrigação de serem úteis (Benjamin, 1985, p. 38).

Na mesma direção, Stewart (2003) considera que ter uma coleção representativa é ter o mínimo necessário para a constituição de um mundo autônomo, pleno e singular. A autora também faz menção à indissociabilidade entre o colecionador e a sua coleção. “Organizar os objetos de acordo com o tempo é justapor o tempo pessoal com o tempo social, a autobiografia com a história e, assim, criar uma ficção da vida individual, um tempo do sujeito individual ao mesmo tempo transcendente e paralelo ao tempo histórico” (Stewart, 2003, p. 255, tradução nossa)³³.

A prática do colecionismo, portanto, exemplifica a substituição da narrativa da história pela narrativa do sujeito individual, ou seja, o próprio colecionador. Ainda para a autora, o ambiente da coleção se converteria não apenas em um espaço privado, mas também em uma extensão do eu daquele que coleciona.

Para que o ambiente seja uma extensão do eu, é necessário não agir sobre ele e transformá-lo, mas declarar o seu vazio essencial, preenchendo-o. Ornamento, decoração e, em última análise, decoro definem os limites do espaço privado, esvaziando esse espaço de qualquer relevância que não seja a do sujeito” (Stewart, 2003, p. 256, tradução nossa)³⁴.

³² Entrevista de pesquisa concedida em 20 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

³³ To arrange the objects according to time is to juxtapose personal time with social time, autobiography with history, and thus to create a fiction of the individual life, a time of the individual subject both transcendent to and parallel to historical time.

³⁴ For the environment to be an extension of the self, it is necessary not to act upon and transform it, but to declare its essential emptiness by filling it. Ornament, decor and ultimately decorum define the boundaries of private space by emptying that space of any relevance other than that of the subject.

De fato, como afirma Pearce (2003a), na coleta há uma relação intrínseca entre os objetos reunidos e a visão subjetiva do colecionador, o que acarretaria na própria construção de sua autoidentidade. “Significa também que algum tipo de valor específico é atribuído ao grupo pelo seu possuidor, e com o reconhecimento do valor vem a doação de uma parte da auto-identidade” (Pearce, 2003a, p. 159, tradução nossa)³⁵. Em outro texto, Pearce (2003b) enfatiza a relação intrínseca entre o colecionador e a sua coleção:

A coleção não é organizada, mas apenas arranjada pelo seu proprietário, no que parecia ser a sua melhor vantagem; na verdade, parece ter crescido em torno dele como uma extensão da sua pessoa. Essa noção toca o cerne da questão: esse tipo de coleção é formada por pessoas cuja imaginação se identifica com os objetos que desejam reunir (Pearse, 2003b, p. 200, tradução nossa)³⁶.

A coleção desempenha um papel crucial na definição da personalidade daquele que coleciona. Este se encontra, por conseguinte, subordinado à sua coleção, mantendo uma atitude ao mesmo tempo possessiva e de admiração em relação aos seus objetos (Pearse, 2003b).

Todos os argumentos aludidos, que postulam a coleção como extensão do colecionador, portanto, como elemento de construção de sua subjetivação, e que confere um refúgio e privacidade ao seu proprietário, corroboram observações dos depoimentos sobre Luiz Raphael. Precisamente, permitem compreender a ambiguidade entre o público e o privado no “Espaço dos Anjos” e o desaparecimento mútuo de parte da coleção e da memória do colecionador.

Ao examinar as relações de Leopoldina com Luiz Raphael, é possível dizer que entre o colecionador das “coisas” da cidade e a cidade propriamente dita, parecia haver um hiato, que acabou determinando destinos distintos para dois segmentos da coleção. Diferentemente do acervo sobre a história de Leopoldina que se perde, aquele referente ao Augusto dos Anjos ficou sob a guarda do Ministério Público. Nesse processo, diversos atores, de alguma maneira,

³⁵ It also means that some kind of specific value is set upon the group by its possessor, and with the recognition of value comes the giving of a part of self-identity.

³⁶ The collection is not organized, but merely arranged by its owner to what seemed to be its best advantage; indeed, it seems to have grown up around him as an extension of his person. This notion touches the heart of the matter: this kind of collection is formed by people whose imaginations identify with the objects which they desire to gather.

O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos

Leonardo Gonçalves Ferreira, Leticia Julião

efetuaram uma escolha, estabelecendo uma seleção. E, nesse caso, parece que a centelha da criação, Augusto dos Anjos, foi o que sucumbiu o criador, Luiz Raphael.

Considerações finais

Esta pesquisa não tem como objetivo ser uma denúncia ou se apresentar como um postulado normativo do que deveria ter sido feito. A ideia é apenas elucidar todos os meandros das tramas de criação ou de nascedouro de um museu. Nesse sentido, se faz necessário compreender a escolha do Ministério Público em recolher apenas o acervo referente ao poeta Augusto dos Anjos. A alegação do Ministério se enquadra na retórica da perda, tal como discute Gonçalves (1996), lógica que orientou e ainda orienta as iniciativas de patrimonialização de bens da cultura.

Não obstante, a perda de vestígios da história da cidade reverbera, se não na sociedade leopoldinense como um todo, pelo menos em alguns grupos específicos, que não apenas buscam respostas, como reconhecem essa parte do acervo do “Espaço dos Anjos” como patrimônio da cidade. Isso fica claro nos depoimentos a seguir sobre o atual “Museu Espaço dos Anjos”.

Agora, o acervo ficou muito menos interessante. Porque o acervo agora é só Augusto. E assim, vamos dizer, para a população no geral, aquele acervo que tinha uma conotação local que atraía os olhares pela, vamos dizer, pela história da cidade, [...] não existe mais. Então acaba que a linguagem do Augusto é uma linguagem mais hermética, você ir num museu onde tem mais documento se torna menos interessante do que quando você vai pra ver fotos antigas ou ver, enfim, outras atrações, outras coisas que tem a ver com a cidade, entendeu?! (Entrevistado 2, 2021).

A cidade perdeu o seu museu local, entendeu?! Fechando o Espaço dos Anjos, a cidade não tinha mais um museu que tinha a ver com a história dela. E aí depois criou um museu só com história do Augusto, então a cidade perdeu esse lugar (Entrevistado 2, 2021).

O Espaço dos Anjos era isso. Ele era o museu da cidade, ele era o único. Então ele era... ele era um pouco do Augusto, mas ele era muito mais da cidade. E aí, quando fechou, acabou o museu da cidade, passou a ser só... quer dizer, veio a ser depois só museu do Augusto (Entrevistado 2, 2021)³⁷.

³⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 20 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos

Leonardo Gonçalves Ferreira, Leticia Julião

Para alguns depoentes, o desaparecimento do acervo referente à história da cidade foi percebido como um fato concomitante ao apagamento da memória do colecionador.

Não tinha mais nada do Raphael lá, né?! Era tudo Augusto... foi a reivindicação nossa, de voltar o Raphael para a casa. De ter as coisas do Raphael lá, de ter uma parede em homenagem a ele, alguma coisa assim. Ficou meio, ficou um pouco assim... deixando a desejar pra gente, sabe?! Ou houve algum conflito, não sei... família e prefeitura. [...] eles demoraram demais nessas coisas, deles irem atrás dessas coisas... para remontar o acervo da cidade com as coisas do Raphael. [...]. Então assim, eu acho que ainda deixou a desejar, essa questão de homenagear o Raphael, de dar o mérito que ele merece por aquela casa estar ali... foi por causa dele mesmo (Entrevistado 1, 2021)³⁸.

Contudo, a reprovação da atual configuração do “Museu Espaço dos Anjos” não é unanimidade. Para alguns, o foco exclusivo na memória do poeta Augusto dos Anjos foi a decisão mais apropriada:

O espaço é para o Augusto dos Anjos. O Luiz Raphael é o mordomo de Augusto, ele ficou até conhecido dessa forma. Então ele deveria ter um espaço para a sua memória? Sim, mas incomoda-me um pouco [...] o fato de que na ocasião da inauguração etc. o Luiz Raphael teve uma presença, ao meu ver, muito mais preponderante do que o Augusto dos Anjos. Isso me incomoda, particularmente. Mas isso é uma opinião minha, tá certo? Porque as pessoas geram vínculos emocionais com o Luiz Raphael etc. e eu tenho com o Augusto dos Anjos (Entrevistado 3, 2021)³⁹.

Delgado (2005) postula que a lembrança e o esquecimento são mecanismos indissociáveis da memória e do processo de monumentalização. O passado é manipulado para esculpir as lembranças ao mesmo tempo em que são criadas estratégias de esquecimento configuradas no silêncio, na omissão e no ocultamento de certas faces da memória. Algo que também podemos observar no caso do “Museu Espaço dos Anjos”.

De toda maneira, a questão deste trabalho não se refere apenas à tentativa de apagamento da memória de Luiz Raphael, mas diz respeito também ao direito à preservação de um patrimônio que encontrava ressonância em parte da

³⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de maio de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

³⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 8 de junho de 2021, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais.

O mordomo do poeta: o processo de invisibilização do artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa, guardião da memória de Augusto dos Anjos

Leonardo Gonçalves Ferreira, Leticia Julião

população (Gonçalves, 2005). Entretanto, a não doação do acervo da cidade para a Prefeitura e sua conseqüente “perda” se converte em obstáculo real para a própria manutenção da memória de Luiz Raphael. Afinal, como afirma Belk (2003):

Se as coleções são extensões do eu, manter a coleção intacta pode ser uma forma de obter uma espécie de imortalidade (Rigby e Rigby 1949). Tendo vivido até certo ponto através da coleção (por exemplo, definição de si mesmo, realização da fantasia, desenvolvimento de um senso de domínio, construção de significado e propósito na vida), o desejo do colecionador de imortalidade através da coleção não é surpreendente. Outra razão pela qual os colecionadores estão preocupados com o destino de sua coleção envolve o seu status sagrado. Eles temem que possa cair nas mãos de alguém que o profanaria ao não apreciá-lo e cuidar dele adequadamente (Rheims 1961; Johnston e Beddow 1986; von Hoist 1967). Alguns colecionadores deserdaram seus filhos, considerando-os indignos de suas coleções (Belk, 2003, p. 323, tradução nossa)⁴⁰.

É muito provável que as instituições envolvidas estivessem cientes disso, mas aparentemente, nenhuma teve qualquer iniciativa, mesmo a despeito das manifestações realizadas nesse sentido.

Essa não parece ser uma discussão irrelevante. O colecionador é parte da história das instituições, e muitos deles nomeiam museus que resultaram de suas coleções, como é o caso do Museu Histórico Abílio Barreto, o museu da cidade de Belo Horizonte. Apesar da maior parte das coleções se perder depois da morte do colecionador, de acordo com Pomian (1984), exemplos de transformação de coleções particulares em museus também não faltam:

Podem citar-se dezenas de coleções transformadas em museus, por exemplo os museus Cognacq-Jay, Jacquemart-André e Nissim de Camondo em Paris; o Museu Ariana em Genebra, os museus Lazare Galdiano em Madrid e Frederico Marés em Barcelona, a Fundação Peggy Guggenheim em Veneza, a Gardner House em Boston ou a Frick Collection em Nova Iorque (Pomian, 1984, p. 52).

⁴⁰ If collections are extensions of self, keeping one's collection intact may be a way to gain a sort of immortality (Rigby and Rigby 1949). Having lived to such a degree through the collection (e.g. definition of self, fulfilment of fantasy, development of a sense of mastery, construction of meaning and purpose in life), the collector's desire for immortality through the collection is not surprising. Another reason that collectors are concerned with the fate of their collection involves its perceived sacred status. They fear that it might fall into the hands of someone who would profane it by failing to appreciate it and care for it properly (Rheims 1961; Johnston and Beddow 1986; von Hoist 1967). Some collectors have disinherited their children, finding them to be unworthy of their collections (Cabanne 1961).

Algumas questões permanecem para serem mais investigadas e debatidas. É possível indagar até que ponto a mediação do legado de Augusto dos Anjos por Luiz Raphael, no contexto insubmisso do “Espaço dos Anjos”, não maculava o epíteto centenário de Leopoldina como a Atenas Mineira. Invisibilizar a figura de Luiz Raphael no museu inaugurado em 2012 não seria a alternativa encontrada para conformar o poeta-patrimônio a um processo de assepsia institucional, consonante com a imagem hegemônica da cidade? Como lembra Lopes (2010), o ato de colecionar é um ato de comunicar, e implica numa relação entre o *self* – a identidade de si – com os objetos e os outros (Lopes, 2010). Ora, o quanto de si estava exposto na coleção mediada por Luiz Raphael e que convinha à cidade apagar? É certo que parte da coleção foi maior que o próprio colecionador. Ao que tudo indica, o mordomo de Augusto dos Anjos o serviu até mesmo depois de sua morte.

Dedicatória

Dedicamos este trabalho à memória de Luiz Raphael Domingues Rosa (1945-2007) (Imagem 4).

Imagem 4 - Luiz Raphael Domingues Rosa (1945-2007) no “Espaço dos Anjos”



Fonte: JORNALISTA se une à Secretaria de Cultura e realiza exposição sobre Luiz Raphael. *Leopoldinense*, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://leopoldinense.com.br/noticia/11947/jornalista-se-une-a-secretaria-de-cultura-e-realiza-exposicao-sobre-luiz-raphael>. Acesso em: 21 dez. 2023.

Referências

- ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Notas biográficas. *In*: ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 35. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Poesia Sempre; v. 6). p. 47-71.
- BELK, Russell W. Collectors and collecting. *In*: PEARCE, Susan M. **Interpreting objects and collections**. Leicester Readers in Museum Studies. Routledge. London and New York, 2003. p. 317-326.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. 2).
- BENJAMIN, Walter. Paris, Capital do Século XIX. *In*: KOTHE, Flávio (org.). **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985. p. 37-38.
- DELGADO, Andrea Ferreira. Museu e memória biográfica: um estudo da Casa de Cora Coralina. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 103-117, jul./dez. 2005.
- FERREIRA, Leonardo Gonçalves; JULIÃO, Leticia. Augusto dos Anjos: o poeta-patrimônio da Atenas Mineira. **Revista Tempo**, Niterói, v. 29, n. 3, p. 53-76, set./dez. 2023.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.
- LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010.
- MAGO das Cores. Intérprete: Serginho do Rock. Compositor: Serginho do Rock. *In*: **Serginho do Rock**. Intérprete: Serginho do Rock. Leopoldina, Minas Gerais: Gravação autoral, 1987. 1 LP, faixa 1. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/serginho-rock/1707011748>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- MINAS GERAIS. Ministério Público de Minas Gerais. **Portaria Número**: MPMG-0384.07.000026-8. MPMG (Ministério Público do Estado de Minas Gerais):

Terceira Promotoria de Justiça da Comarca de Leopoldina, 16 set. Leopoldina, MG: O Ministério, 2008.

PEARCE, Susan M. Collecting reconsidered. *In*: PEARCE, Susan M. **Interpreting objects and collections**. Leicester Readers in Museum Studies. London: Routledge, 2003b. p. 193-204.

PEARCE, Susan M. The urge to collect. *In*: PEARCE, Susan M. **Interpreting objects and collections**. Leicester Readers in Museum Studies. London: Routledge, 2003a. p. 157-159.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*: ENCICLOPÉDIA EINAUDI: volume 1. memória – história. [Portugal]: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 52-83.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROSA, Luiz Raphael Domingues. 2003. [Entrevista cedida a OSCIP FelizCidade], Leopoldina, 3 ago. 2003.

STEWART, Susan. Objects of desire. *In*: PEARCE, Susan M. **Interpreting objects and collections**. Routledge: Leicester Readers in Museum Studies, 2003. p. 254-257.